

TEMPOS MODERNOS: UMA LEITURA SOBRE A SITUAÇÃO DO TRABALHO POR MEIO DA IMAGEM

Carlos Jardel de Souza Leal*

Era uma vez, há não muito tempo, sociedades em que o regime social, político e econômico sob o qual viviam os homens era considerado como um dado imutável. Entre os que viviam nesta época idílica existiam certamente muitos que eram pobres, doentes ou oprimidos, e, portanto, infelizes; outros, sem dúvida, o eram por razões não convincentes; mas todos tinham a tendência a atribuir suas desgraças ou a eventos concretos ou fortuitos (azar, doença, manobra dos inimigos, injustiça do senhor ou do príncipe), ou a causas longínquas, gerais e imutáveis, tais como a vontade divina ou a natureza humana. A ideia de que a ordem social, intermediária entre o fortuito e o imutável, pudesse ser uma causa importante do sofrimento humano só se difunde na época moderna e, em particular, no século XVIII. Disso deriva a célebre fórmula de Saint-Just: "A ideia da felicidade é algo novo na Europa". Na época, com efeito, é inteiramente novo pensar que a felicidade possa ser engendrada mudando-se a ordem social, tarefa em que Saint-Just e seus companheiros jacobinos irão se empenhar com tanta segurança (Albert O. Hirschman).

Introdução

A oportunidade de realizar um debate sobre as questões relativas ao cotidiano na vida no local de trabalho estimula-me a recuperar um texto escrito anos atrás, em que me dispus a tratar do tema com um comentário sobre o filme *Tempos Modernos* (CHAPLIN, 1936).

Somente após assumir o compromisso de comentar o filme em um seminário sobre História e Cinema, valendo-me dos recursos fornecidos pela Ciência Econômica, é que me dei conta do tamanho do desafio com que me depararia. De imediato, concluí que o máximo esforço que empreendesse seria insuficiente para captar em sua plenitude a multiplicidade de situações retratadas no fil-

me. Chegar a tal conclusão significa apenas reconhecer a vantagem do uso de instrumentos de imagem sobre a linguagem escrita para representar a realidade em processo, mesmo quando a linguagem escrita se apoie em instrumentos fornecidos pela ciência, especialmente, quando a primeira forma se vale da expressão dos desejos e paixões como motivações para as ações humanas.

No caso da filmografia de Chaplin, o desafio torna-se ainda maior devido à dimensão humana que os problemas tratados adquirem, da utilização da linguagem gestual como recurso fundamental de comunicação e do método de abordagem das situações, cuja principal característica consiste em explicitar o caráter contraditório que comportam.

Em *Tempos Modernos*, Chaplin põe em evidência as necessidades humanas e as relações que os indivíduos estabelecem entre si para supri-las, sem o apelo a qualquer tipo de mediação formal, escapando, com isso, das dissimulações que as regras contratuais mercantis representam. Os signos próprios das relações sociais de tipo capitalista moderno se expressam no filme por ausência ou carência. E essa carência funciona como o motor da subordinação dos indivíduos desprovidos de recursos a uma lógica social desumanizadora. Não há menção em *Tempos Modernos* às expressões monetárias que as formas salários ou preços assumem nas economias de mercado. O foco recai sobre as condições concretas de trabalho (o processo de produção) e de vida (condições de moradia, alimentação, vestimentas etc.). É este tratamento dado por Chaplin que confere a sua denúncia um caráter profundamente radical.

Consciente das limitações a serem enfrentadas, a tarefa que me cumpre realizar, a solução encontrada para contornar tais dificuldades foi definir como linha de trabalho dos meus comentários a realização de uma leitura que procure captar os aspectos econômicos mais significativos que o filme possibilita, ousando ainda, na medida do possível, realizar um esforço de análise que ultrapasse os limites de uma abordagem estritamente econômica. Objetivo que para ser alcançado exige o apelo aos recursos fornecidos por outras áreas do conhecimento igualmente pertencentes ao ramo das Ciências Sociais.

Tempos Modernos foi lançado nos Estados Unidos (EUA), em 1936. Momento em que a sociedade norte-americana se via envolvida numa situação de depressão econômica que se arrastava desde a Crise de 1929. O desemprego atingira níveis recordes na nação que, já naquele momento, se tornara a mais rica do mundo e, junto com ele, o desalento expunha um espetáculo de pobreza, cujos cortiços eram sua maior estampa.

Eram contabilizados cerca de 14 milhões de desempregados em 1933, nos EUA, número de trabalhadores que, junto com seus familiares, formava um contingente maior que a população do Reino Unido daquela época. Por sua vez, em 1937, o governo americano estimava em torno de 1/3 a parcela da população do país que vivia em cortiços (HUBERMAN, 1983, p. 248, p. 273).

A Crise de 1929 interrompera um período de duas décadas consecutivas de crescimento econômico dos EUA e que fora responsável pela afirmação desta nação na esfera internacional como potência mundial, suplantando a Inglaterra na produção de importantes setores industriais. Como principal característica

deste movimento, ocorreu um enérgico processo de concentração de capital conformando o modelo de firma industrial baseado em grandes corporações. Ao mesmo tempo, era introduzido por Henry Ford o método de organização do trabalho conformado no “trabalho em linha de montagem”, combinando,

num mesmo movimento, um novo modelo de produção de mercadoria capitalista (com salários relativamente elevados para uma fração da classe operária, grande aumento da produtividade devido à produção em massa e à racionalização) e de realização do valor assim criado (com o desenvolvimento do consumo de massa, que se alargou a uma parte da classe operária, cujas condições de vida se aproximam daquelas camadas sociais médias) (BEAUD, 1994, p. 259).

A dimensão assumida pela crise econômica levou o governo americano Franklin Roosevelt, empossado em 1933, a apresentar um conjunto de medidas para combatê-la. Incorporadas no programa intitulado *New Deal*, além de propor soluções visando a reorganizar e a reativar os setores fundamentais da economia (bancos, indústria, agricultura, energia e transportes) e a recuperar para o país uma posição favorável no mercado mundial, propunha um novo compromisso social, pelo qual seriam introduzidos os instrumentos de estímulo ao emprego (estabelecimento da proibição ao trabalho de crianças, da redução de jornada de trabalho, do salário mínimo), as frentes de trabalho, o seguro desemprego, a aposentadoria, o direito de organização dos trabalhadores etc.

Apesar de o “novo compromisso” ganhar corpo, ao longo dos anos que se estenderiam até a década de 1960, o ponto fundamental da crítica de Chaplin, o caráter alienante imposto pelas condições de trabalho na indústria e de subordinação permanente imposta pelas regras de controle, que transborda para além dos muros da fábrica, tolhendo a liberdade individual daqueles que necessitam do trabalho para sobreviver, seguiria sem solução. O problema persiste, uma vez que o debate sobre o processo de produção cederia espaço à disputa em torno da distribuição da renda propiciada pelos constantes aumentos de produtividade do trabalho gerados pelo modelo taylorista-fordista de organização da produção. Em consequência disso, podemos afirmar que, apesar dos 75 anos transcorridos desde o lançamento de *Tempos Modernos*, sua temática permanece atual e a sua crítica, ainda nos dias de hoje, ecoa com grande força, apesar das transformações que o processo de trabalho vem sofrendo nos últimos tempos, em escala internacional.

Ao chamar a atenção para o problema do desemprego como um dos maiores dramas sociais enfrentados pelo povo americano naquele momento (anos 1930), traz para o foco da cena a questão central que vem atingindo, nesta virada do milênio, grande parte das populações na maioria das nações, não se vislumbrando qualquer medida consistente para seu enfrentamento em curto, médio ou longo prazos.

Por seu turno, o alcance da crítica de Chaplin, nos dias atuais, assume uma dupla dimensão. A primeira delas diz respeito ao fato de estarmos experimentando, em escala internacional, um processo de transformação da estru-

tura econômica que tem sua origem na tentativa de superar os obstáculos que o modelo taylorista-fordista de organização da produção impõe ao crescimento da produtividade do trabalho requerido pelo processo de acumulação de capital. O esgotamento do modelo de produção, fundado na fragmentação e rotinização das tarefas e na fixação do operário a um único posto de trabalho, ficou evidente, já na segunda metade dos anos 1960, em meio aos crescentes movimentos sociais que se generalizaram nos países capitalistas ocidentais, o que provocou a ruptura de todo o aparato institucional que lhe dava suporte, o *Welfare State* (Estado de Bem-Estar Social).

A segunda dimensão está relacionada com o fato de que as relações de trabalho, embora modificadas em vários aspectos, preservam, ainda hoje, seu caráter alienante e insalubre, gerando, em muitos casos, situações de precariedade ainda mais intensas para aqueles que operam no processo produtivo.

Esse último ponto revela a profundidade da denúncia de Chaplin, ao apontar a faceta mutiladora da condição humana que a organização do trabalho na indústria moderna incorpora. É nesse sentido que Chaplin, ao chamar a atenção para a constante ameaça ao equilíbrio mental do trabalhador nas condições de trabalho fabril, coloca em questão a própria dinâmica de operação do modo de produção capitalista moderno, atingindo-o no seu fundamento.

Centrando sua atenção em dois personagens postos à margem dos grupos sociais incorporados, Chaplin leva o espectador a olhar criticamente o meio social em que vive, lançando luzes sobre a situação dos desvalidos que, na atualidade, multiplicam-se pelo mundo afora, num fenômeno identificado até bem pouco tempo como típico de sociedades do terceiro mundo. A exclusão social, deste modo, é tratada de forma precursora na obra de Chaplin, ao identificá-la como um problema inerente ao modelo de sociedade fundado em valores contrários à preservação dos laços de solidariedade humana.

Com base em declarações do próprio autor, *Tempos Modernos* conta a história de duas pessoas desamparadas, tentando se acomodar às condições de sua época, vendo-se envolvidas em situações marcadas pela depressão econômica, por movimentos grevistas, pela agitação e o barulho das ruas das cidades e pelo desemprego. É, ainda, uma história que visa a denunciar os constrangimentos que o emprego nas linhas de montagem impõe aos operários, à medida que “a grande indústria, atraindo jovens saudáveis que deixavam o campo, no fim de quatro ou cinco anos, ... se viam reduzidos a uns frangalhos nervosos” (CHAPLIN, 1964, p. 385).

A indústria e a experiência individual

Quem nos dirá o que há por detrás das muralhas de pedra?

Quem nos revelará seus segredos?

Quem nos dirá o que produz esta, também, fábrica de medo?

O filme de Charles Chaplin é, portanto, uma crítica contundente à sociedade industrial moderna, por sua incapacidade de incorporar as aspirações da

grande maioria da população, que se vê submetida à busca de emprego como única alternativa de obter os meios necessários à satisfação de suas necessidades mais básicas.

Sem perder a delicadeza e seu refinadíssimo humor e, ainda, utilizando-se de uma linguagem poética expressa em gestos, Chaplin conduz seu foco de atenção para as condições de trabalho industrial, a miséria, a luta em busca de alternativas de sobrevivência e os sonhos de conquistar a felicidade, não abandonados por aqueles que seguem cultivando a dignidade humana e a liberdade como valores supremos, mesmo quando postos à margem da sociedade, vivendo na mais profunda pobreza.

Ao acentuar o confronto entre os comportamentos individual e coletivo de massa, o filme permite observar o papel desempenhado por este último na validação das atitudes de subordinação ditadas pela ordem hierarquizada do ambiente de trabalho fabril, resultando na conformação do conjunto dos trabalhadores a um poder autoritário exercido em nome de uma racionalidade técnica imposta pelo sistema de máquinas, “deificado” como um mecanismo detentor de uma lógica própria. Ao mesmo tempo, a ação individual não conformada ao comportamento de massa se apresenta como um obstáculo ao pleno funcionamento de um sistema definido, teoricamente, como fundamentado na natureza humana e, ao mesmo tempo, identificado como único modelo capaz de comportar os múltiplos interesses individuais.

O indivíduo não subordinado se vê em permanente conflito com os demais, que o identificam como elemento “desequilibrado”. Sendo ele incapaz de submeter-se à disciplina fabril, torna-se uma permanente ameaça ao processo de “racionalização” do trabalho devido às constantes quebras de sequência que o mesmo pode provocar. Processo de “racionalização”, que resulta da ação de controle da supervisão sobre a atividade laboral, direcionando-o para a execução dos objetivos estabelecidos na esfera administrativa.

Com a concentração fabril, já desde os primeiros momentos da industrialização, em função do aprimoramento nos equipamentos e processos,

a fábrica passou a ser mais do que uma unidade de trabalho de maiores dimensões. Tornou-se um sistema de produção baseado numa definição característica de funções e responsabilidades dos diferentes participantes do processo produtivo. De um lado, havia o empregador, que não apenas contratava mão de obra e comercializava o produto acabado, mas também fornecia o equipamento fundamental e supervisionava seu uso. De outro, havia o trabalhador, não mais capaz de possuir e fornecer os meios de produção e reduzido à condição de operário (palavra que é significativa e simboliza bem essa transformação do produtor em simples trabalhador). Ligando um ao outro havia a relação econômica – o ‘eixo salarial’ – e a relação funcional de supervisão e disciplina (LANDS, 1994, p. 5-7).

O filme retrata a duplicidade de situações com que os indivíduos podem se defrontar na sociedade moderna. Enquanto o gestor do processo produtivo,

isolado em seu amplo ambiente exerce atividade de comando, afirmando a autoridade pessoal sobre toda a esfera da fábrica, no outro extremo e em situação inversa, o operário tem a individualidade desprovida de qualquer significado, em si mesmo, estando a seu alcance apenas reconhecer-se mediante seu ajustamento ao comportamento coletivo e enquanto reflexo deste. Tal caracterização reflete a contradição entre a individualidade do operário, esvaziada de conteúdo, e uma existência coletiva, cuja lógica lhe é estranha, visto que imposta pela engrenagem fabril, a partir da posição que o posto de trabalho lhe confere.

Ao exercer um “controle absoluto” sobre os espaços da indústria, o diretor-presidente tem sua autoridade superdimensionada, apresentando-se como uma figura onipresente e onisciente. Ao passo que o operário, tendo seus movimentos submetidos ao controle da gerência, perde por inteiro sua autonomia, sua liberdade de ação e mesmo de pensamento, passando a se comportar como uma peça pertencente à engrenagem industrial ficando submetido aos desígnios do capital, quando no interior da fábrica.

Nesse processo, o operário é tratado como “coisa”, é o que procura denunciar a cena em que é testada a introdução da “máquina de alimentação”. O objetivo anunciado para introdução da “máquina” é propiciar reduções nos custos de produção, ao garantir a continuidade do trabalho durante os períodos de refeições, já que as mãos dos operários ficariam livres para prosseguir em atividade. A cena grotesca em que Carlitos é “usado” como se fosse um boneco expõe o completo descaso por sua condição humana, retratando, em última instância, o lugar conferido ao operário num processo produtivo em que o homem aparece, por um lado, como sujeito, seu gestor, e, por outro, como um mero instrumento a serviço do objetivo a ser alcançado.

Embora ameaçado de ser tragado pelas engrenagens do mecanismo que opera, a irreverência de Carlitos o põe a salvo de um risco ainda maior: a subordinação completa aos imperativos da máquina. Seria a loucura uma espécie de fuga, em última instância, ou uma forma de resistência humana à subordinação? O resgate da liberdade individual parece ser o maior triunfo almejado por Carlitos, merecendo qualquer sacrifício para preservá-la.

O controle do tempo e a obediência ao relógio

Quanto tempo, pois é quanto tempo.

Me perdoe a pressa. É a alma dos nossos negócios.

Ah, não tem de quê. Eu também só ando a cem.

(Paulinho da Viola)

Na cena de abertura do filme, um imenso relógio indica que poucos minutos faltam para as seis horas. Nas ruas, uma multidão caminha em direção às fábricas, num paralelo com um rebanho de carneiros. A sociedade industrial tem no relógio um dos símbolos de sua necessidade de regulação social. O

controle do tempo é uma questão central do processo de produção de mercadorias. Nele, o tempo de trabalho funciona como medida básica da extração de um volume cada vez maior de riqueza no processo produtivo.

O tempo de trabalho aparece na literatura econômica clássica como a principal medida do valor de troca das mercadorias. Smith, Ricardo e Marx, embora com grandes diferenças de enfoque, partem do princípio de que o valor de uma mercadoria se mede pela quantidade de trabalho necessário para sua produção, o que é medido em tempo de trabalho.

O trabalho assumiu a condição de categoria central para os economistas clássicos, ao ser identificado como única fonte geradora de valor. Entretanto, para Smith e Ricardo, essa condição iria se alterar no decorrer do processo de modernização da economia, permitindo ao proprietário dos meios de produção apropriar-se da parcela de valor criado no processo produtivo na forma de excedente: o lucro do capitalista. A justificativa para os dois autores está no fato de que o capitalista adianta capital, tanto para pagamento de salários, como para aquisição de materiais utilizados no processo produtivo.

Em seu livro *Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, publicado em 1776, Smith justificava a apropriação do lucro pelo capitalista, nos seguintes termos:

Quando se realiza a acumulação de mercadorias nas mãos de indivíduos particulares, alguns deles empregarão naturalmente essa reserva no recrutamento de pessoas hábeis, às quais fornecerão materiais e meios de subsistência com vistas a conseguirem lucro pela venda do trabalho destas, ou seja, esperando que o valor deste trabalho se acrescente ao daqueles materiais. Ao trocar o objeto manufaturado por dinheiro, trabalho ou outras mercadorias, por um preço superior ao que é necessário pagar pelos materiais usados e pelos salários dos trabalhadores, algo deve ficar para aquele que arriscou a sua reserva de mercadorias nesta aventura. O valor que os trabalhadores acrescentam aos materiais, portanto, divide-se neste caso em duas partes, uma das quais paga os seus salários e a outra constitui os lucros, daquele que os empregou, sobre as reservas de materiais e salários adiantados. Este indivíduo só pode ter qualquer interesse em empregar trabalhadores se espera obter pela venda do trabalho deles algo mais do que o suficiente para repor o capital adiantado; e só lhe interessa empregar maior capital na medida em que os seus lucros estejam em proporção com o quantitativo efetivamente utilizado para este fim.

Nessas condições, o produto total do trabalho nem sempre pertence ao trabalhador. Em muitos casos, ele é forçado a partilhá-lo com o possuidor de capital que lhe dá emprego. A quantidade de trabalho normalmente empregue na produção de qualquer mercadoria deixa também de ser a única circunstância capaz de determinar a quantidade de mercadorias que ele pode obter por compra ou troca. É evidente que aos lucros do capital que foi empregue nos salários e nas matérias a transformar deverá também corresponder uma certa quantidade de trabalho (SMITH, 1974, p. 47-49).

Os termos de Ricardo, embora mais sofisticados que os apresentados por Smith, não lhe alteram o conteúdo básico, que é o de retirar do trabalho exercido diretamente sobre os objetos a condição de única fonte exclusiva geradora de valor:

não só o trabalho aplicado diretamente às mercadorias afeta o seu valor, mas também o trabalho gasto em implementos, ferramentas e edifícios que contribuem para sua execução (RICARDO, 1974, p. 49).

No pensamento de Marx, o trabalho figura como fonte única de valor, em toda e qualquer fase do desenvolvimento do capitalismo. Definindo a produção de mercadorias como a base do sistema, esse autor sustenta que o mesmo requer, como necessário ao processo de produção tipicamente capitalista, a transformação da força de trabalho em mercadoria. A fim de operar tal transformação, os trabalhadores foram apartados dos meios de produção, passando estes a serem apropriados privadamente pelos capitalistas. Em tais circunstâncias, resta ao trabalhador como condição única para obter os meios necessários a sua sobrevivência, submeter-se ao assalariamento, meio pelo qual o capitalista contrata os serviços do trabalhador por uma jornada estipulada em troca do salário.

Segundo Marx, a força de trabalho transformada em “mercadoria” permite àquele que a contratou extrair do trabalhador, durante o processo de consumo desta, uma quantidade de valor crescentemente maior do que o valor necessário à sua reprodução (salário). Assim, o excedente de produção corresponde, em Marx, à parcela de trabalho não pago, expropriado do trabalhador na forma de “mais-valia”.

A “mais-valia” pode ser ampliada por meio da intensificação do trabalho ou pela ampliação da jornada, gerando assim o processo de extração de “mais-valia absoluta”; ou, por meio da redução do tempo necessário à produção do valor correspondente ao salário do trabalhador, mediante o aumento da produtividade, o que se faz possível pela introdução de novas tecnologias, gerando o processo de extração de “mais-valia relativa”.

Com isso, a disputa pelo tempo é tomada como inerente ao conflito que, no processo produtivo, define a geração e a apropriação de valores criados entre capitalistas e trabalhadores. Sendo que, quanto maior o tempo empregado produtivamente, maior a extração de excedente por parte do capitalista (MARX, 1978, parte 1).

Enquanto as regras estabelecem a necessidade de registro em cartão do tempo produtivo e do tempo improdutivo do trabalhador, o operário procura ganhar tempo no banheiro, na retomada do posto de trabalho, evidenciando, de um lado, a existência de um conflito pela apropriação do tempo e, de outro, a preservação da consciência do operário da manutenção da contradição entre os seus interesses e os interesses dos gestores do processo produtivo, mesmo quando os últimos detêm o controle “completo” deste processo.

O trabalho na linha de montagem e o indivíduo trabalhador

Você me prende vivo, eu escapo morto.

De repente, olha eu de novo, perturbando a paz, exigindo o troco.

Olha o velho, olha o moço. Que medo você tem de nós.

(Paulo C. Pinheiro)

Na linha de montagem, cada operário vincula-se a um posto de trabalho específico, ao qual corresponde a execução de uma única tarefa, simplificada ao máximo, consistindo na realização de movimentos rotineiros preestabelecidos. Por meio da prescrição desses movimentos, pode a “direção científica” controlar o tempo de realização do trabalho, completamente esvaziado de sentido, por não abranger qualquer conteúdo que exija do trabalhador senão o seu adestramento manual.

A denúncia de Chaplin em relação à transformação do operário em mero executor de tarefas imbecilizadas, levando-o em pouco tempo a ver ameaçada sua saúde mental, acerta em cheio as noções defendidas por Taylor em seus *Princípios da Administração Científica*. Neles, Taylor defende a expropriação do saber dos operários, concebido como um obstáculo a ser vencido como condição necessária à conquista do controle do processo de produção pela gerência. Tarefa que merece deste autor a elaboração de um plano para realizá-la composto de três fases distintas, como descreve Coriat (1976, p. 94):

1ª Fase: É necessário, em primeiro lugar, reduzir o saber operário, complexo, a seus elementos simples, procedendo assim a uma espécie de achatamento do saber técnico. O meio de realizar esta decomposição é a medida dos movimentos e tempos. O que vai permitir cumprir este objetivo é a entrada do cronômetro nas oficinas. ‘A cada movimento corresponde um tempo’, tal é a instrução dada aos cronometristas.

2ª Fase: Controlados todos os movimentos, este saber despedaçado é sistematicamente decodificado e classificado.

3ª fase: Para cada operação só se retém ‘a única melhor forma’ que consiste em uma combinação e só uma dos elementos simples selecionados. A mecânica operacional é desta forma, transmitida aos operários a cada manhã com os tempos requeridos para cada elemento simples. Taylor o resume em uma frase: ‘...A direção se encarrega de recolher todos os elementos do saber tradicional que, no passado, era propriedade dos operários, classificar estas informações, fazer uma síntese e extrair o conhecimento das regras, leis e fórmulas’. A isto designaremos dizendo que não se trata somente de expropriar aos operários seu saber, senão também de confiscar este saber, recolhido e sistematizado – em benefício exclusivo do capital – o que autoriza o nome de confisco.

O que aqui se instaura massivamente é a separação entre trabalho de concepção e de execução, um dos elementos chave da separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

É o alcance deste intento no processo produtivo que iria merecer de Chaplin a mais severa crítica, uma vez que, submetido a tal condição, o operário vê ameaçada sua integridade enquanto indivíduo mentalmente sadio. O conflito diante da mais profunda alienação ou subordinação levaria Carlitos ao colapso nervoso que, se o faz perder o emprego, o leva a preservar sua condição de indivíduo capaz de buscar formas alternativas de sobrevivência conflitantes com o sistema ideológico, moral e cultural de controle social, exercido na figura dos representantes do Estado e por aqueles que, por identificação, sustentam tais valores.

Acompanhando a perspectiva de abolir por completo o tempo improdutivo dos operários, Chaplin apresenta na forma de caricatura a realização da experiência de um novo invento, a máquina de alimentação, cujo objetivo seria manter livres as mãos do trabalhador a fim de que este não necessitasse parar de trabalhar sequer para realizar suas refeições. Durante a experiência, revela-se um total desprezo pela pessoa do operário, tomando-o como se fosse um instrumento de propriedade da empresa.

É diante das normas ditadas pelos *Princípios da Administração Científica* combinado ao sistema de linha de montagem fordista que Carlitos sofre seu colapso nervoso, sendo então recolhido ao manicômio. A reação de Carlitos o leva a provocar uma intervenção no controle do ritmo de operação da linha, desorganizando todo o sistema fabril.

Recuperado da crise, Carlitos recebe alta do hospital com a recomendação de que deveria evitar agitação. Desempregado em meio a um processo recessivo, com fábricas fechadas, o acaso o leva a envolver-se em manifestação operária, sendo tomado como líder do movimento e, conseqüentemente, preso. Ao ver cair uma bandeira (vermelha) de um caminhão de carga e tentando devolvê-la, acaba por atrair os operários em passeata, que iam em outra direção. Diante da repressão policial aos manifestantes, Carlitos, de bandeira em punho, é identificado como agitador.

Preso entre “bandidos”, o acaso leva Carlitos, novamente, a envolver-se em uma situação insólita. Movido por seus princípios, após recobrar o juízo de um transe provocado por inalação de cocaína traficada em plena prisão, desarma um grupo de presidiários e impede uma tentativa de fuga, a partir do que passa a gozar de privilégios na cadeia. Nestas circunstâncias, sua vida parece alcançar um raro momento de estabilidade e segurança, uma vez que lhe era assegurada moradia, alimentação e, ainda, a consideração das autoridades com que nunca pudera contar nas ruas. Em função disso, ao ser comunicado de que seria posto em liberdade, manifesta a preferência pela “segurança” da prisão. Poucos minutos antes de receber o comunicado, experimenta o desprezo que a sociedade lhe reservaria, através do contato com a esposa do reverendo em visita à prisão. Como compensação pelo ato de bravura praticado, recebe uma carta de recomendação do diretor do presídio para conseguir um emprego.

Uma nova oportunidade de trabalho lhe aparece. Entretanto, a mesma dificuldade para adaptar-se ao novo emprego persiste. Sem passar por qualquer tipo de treinamento que o habilitasse a exercer a nova função e com-

preender o processo de produção em sua totalidade, acaba por provocar um incidente. Uma possível interpretação da cena em que a embarcação em construção é lançada ao mar é que, devido à tentativa de esvaziamento de todo e qualquer conteúdo intelectual no exercício do trabalho do operário “não qualificado”, este não pressupunha preparo algum para execução de seu ofício. Nestas circunstâncias o operário é levado a ter uma noção fragmentada que o impede de relacionar as partes e compor o todo. A lógica do processo de subordinação, que faz do operário sua vítima, torna-se vítima de seu próprio produto, o operário alienado. Solitário diante do acidente, Carlitos resolve retornar para a prisão.

Nas sequências que se desenrolam, Carlitos teria a oportunidade de revelar seu lado sensível e seu senso de solidariedade, que a vida na marginalidade não havia destruído.

O surgimento de um novo personagem e a busca da felicidade

Quando um muro separa, uma ponte une.

Se a vingança encara, o remorso pune.

Você vem me agarra, alguém vem me solta

E se a força é tua, ela um dia é nossa.

Olha aí.

(Paulo C. Pinheiro)

Enfrentando a miséria e a fome, uma jovem, órfã de mãe e com o pai desempregado, praticava pequenos furtos para alimentar a si e a duas irmãs menores. Até o dia em que seu pai falece, alvejado por policiais durante uma manifestação de desempregados, e suas irmãs são levadas pelo serviço social do governo para um orfanato. A fim de se livrar da mesma sorte das irmãs, torna-se uma “foragida” da justiça.

Ameaçada de prisão pelo furto de um pão, a jovem encontra em Carlitos um protetor disposto a assumir a culpa pelo delito. Um ato heróico que encurtava o caminho rumo ao objetivo, previamente definido: a volta à prisão. Testemunha e denunciante do furto, uma senhora guardiã dos “bons costumes” intervém e reafirma a delação da “ladra”, com o que Carlitos é posto em liberdade e vê frustrada sua intenção. O fato, entretanto, não o impede de criar outra situação que provocaria sua detenção pela polícia: realizar uma refeição redobrada sem ter como pagar.

A prisão em um tinteiro cheio de delinquentes torna-se a oportunidade de reencontrar sua protegida. Com cavalheirismo cede-lhe gentilmente o lugar para que melhor se acomodasse e seu lenço, ao vê-la cair em prantos. Diante da disposição de fuga da companheira, acaba por libertar-se acidentalmente e, estimulado por ela, se livra da prisão, inaugurando uma parceria que se tornaria definitiva.

Dali em diante, as dificuldades da vida seriam enfrentadas não mais solitariamente. Estariam juntos no sonho de conseguir uma casa, na tentativa de buscar um novo emprego, na saída da prisão, na tentativa de começar vida nova, na descoberta de seus verdadeiros dons e na busca de uma vida nova em outros lugares.

O companheirismo e o afeto estabelecido entre os dois, de agora em diante, passariam a servir de estímulo para que enfrentassem as dificuldades que seguiriam encontrando. Sonho e realidade passam a se confundir num cenário marcado pela pobreza de sempre.

Na utopia de Carlitos, a fartura dispensa a mediação do trabalho para se obter os alimentos necessários. Na realidade, Carlitos haveria de se submeter a um emprego de vigia para fornecer algum conforto à sua protegida. O drama do desemprego viria a cruzar seu caminho, na figura de seu antigo companheiro de fábrica, cuja solidariedade o salvará da ação do bando que assalta a loja, motivados pela miséria, mas o levará à demissão e à prisão pela segunda vez.

Ao recuperar a liberdade, uma dupla novidade o aguarda: a companheira à porta da cadeia e uma casa à beira do rio. A precariedade das instalações não seria motivo de desânimo. Tudo se arranja e Carlitos com seu cavalheirismo cede melhor espaço à jovem amiga e, diante dos riscos que os métodos utilizados por esta para obtenção dos suprimentos, resolve retornar à fábrica que iria reabrir as portas no dia seguinte.

Investido da função de auxiliar de manutenção, após tanto tempo afastado da fábrica, o personagem mostra-se enredado numa confusa teia de ferramentas e instrumentos, cuja utilidade desconhece e, ao transportá-las numa enorme e pesada caixa, vê-se impedido de coordenar seus movimentos. Uma vez mais o operário acaba tragado pela máquina que tenta recolocar em operação e, antes mesmo de alcançar tal intento, uma greve põe fim ao ideal de fixar-se no novo emprego. Diante do tratamento agressivo que lhe é dispensado pelo policial, ao deixar a fábrica, Carlitos reage e passa a exigir respeito e, acidentalmente, passa de agredido a agressor, resultando em mais uma detenção.

Uma vez mais, a cena do reencontro se repete ao ser posto em liberdade, com uma diferença: sua companheira, bem trajada, anuncia estar empregada e, ainda, a possibilidade de ele ser aproveitado no mesmo estabelecimento. Após uma breve experiência como garçom, revela-se um astro do humor, extraindo gargalhadas e muitos aplausos da plateia. Os dois parceiros haviam descoberto suas vocações: a arte de encenar. E quando tudo parecia se encaminhar para um final feliz, eis que a perseguição à jovem “foragida” põe por terra a árdua conquista de um lugar próprio, num mundo tão adverso para ambos.

De volta à pobreza e à margem da sociedade, diante da infelicidade da jovem, Carlitos não se abate e faz sua conclamação: “Não desista, nós venceremos”. E, de costas para o mundo, vão em busca de um novo lugar onde pos-

sam realizar seus sonhos. De mãos dadas, firmam seus passos e, alegremente de cabeças erguidas, rumam em direção a um futuro de liberdade, de companheirismo e de delicadeza, em que lhes seja preservado o direito à autonomia individual de construir seus projetos de vida.

Assim o filme de Chaplin se inscreve como um manifesto em louvor à integridade humana, diante da permanente ameaça de esmagamento que este sofre pelas mais diferentes engrenagens impostas pela “sociedade moderna”.

Um hino ao amor, à esperança e à solidariedade humana.

Um clamor à coragem dos degredados e a sua resistência a toda regra insana.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** : ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1995.

BEAUD, Michel. **História do capitalismo:** de 1500 aos nossos dias. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista:** a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CASTEL, Robert. **A metamorfose da questão social:** uma crônica do salário. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

CHAPLIN, Charles. My autobiography. [S.l.]: Vintage Books, 1964.

CHAPLIN, Charles. **Tempos moderno.** Estados Unidos, 1936. 87 min. 01 Filme.

CORIAT, Benjamin. **Ciência, técnica y capital.** Madrid: H. Blume, 1976.

HUBEMAN, Leo. **História da riqueza dos EUA:** (nós o povo). São Paulo: Brasiliense, 1983.

LANDS, David S. **Prometeu desacorrentado:** transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até a nossa época. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.

LIPIETZ, Alain. **Audácia:** uma alternativa para o século 21. São Paulo: Nobel, 1991.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política.** São Paulo: Abril Cultural, 1986.

_____. **Elcapital.** 6.ed. Madrid: Siglo Veintiuno, 1978. Libro I, Capítulo VI (Inédito).

_____. **O capital.** São Paulo: Abril Cultural, 1986.

MORAES NETO, Bendito Rodrigues. **Marx, Taylor, Ford:** as forças produtivas em discussão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

OFFE, Claus. **Problemas estruturais do estado capitalista.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

RICARDO, David. **Princípios de economia política e tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMITH, Adam. **Investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SNOW, David A.; ANDERSON, Leon. **Desafortunados**: um estudo sobre o povo da rua. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.